

Um recorte poético e filosófico em *Alma Vênus*, de Marco Lucchesi

A poetic and philosophical approach on *Alma Vênus*, by Marco Lucchesi

Jânio Vieira dos SANTOS¹

RESUMO: O presente artigo busca abordar o diálogo entre filosofia e literatura, sendo nosso *corpus* de análise a obra poética *Alma Vênus* (2000), do escritor brasileiro Marco Lucchesi, e sua relação com a filosofia, em especial com o neoplatonismo. Para isso, nos baseamos em textos filosóficos, teóricos e críticos, bem como em leituras de algumas das obras do escritor carioca, a fim de percebermos as relações e as apropriações entre os dois universos, principalmente tendo como base as contribuições de autores como Plotino (2000), Platão (2012), Nunes (2010, 2012), Mello (2009), Andrade (2012) e Figurelli (2007). Dessa forma, procuramos apresentar as relações de *Alma Vênus* com a filosofia, dando ênfase à da renascença. Buscamos, desse modo, discutir aspectos de ambas as áreas e o modo como a filosofia apresenta-se no texto literário e sua influência na poética lucchesiana. Percebemos, com isso, que a obra do poeta apresenta uma vasta singularidade que enriquece a poesia contemporânea brasileira. Seus versos são coesos, claros e objetivos e estão em constante diálogo com a filosofia por meio das ideias apresentadas nos poemas, na consciência de mundo e no trabalho com a palavra.

PALAVRAS-CHAVE: Marco Lucchesi. *Alma Vênus*. Poesia. Filosofia. Diálogos.

ABSTRACT: This article seeks to address the dialogue between philosophy and literature, with our corpus of analysis being the poetic work *Alma Vênus* (2000), by the Brazilian writer Marco Lucchesi, and its relationship with philosophy, especially with neoplatonism. For this, we based ourselves on philosophical, theoretical and critical texts, as well as on readings of some of the works of the writer from Rio de Janeiro, in order to understand the relationships and appropriations between the two universes, mainly based on the contributions of authors such as Plotino (2000), Platão (2012), Nunes (2010, 2012), Mello (2009), Andrade (2012) and Figurelli (2007). In this way, we seek to present the relationship between *Alma Vênus* and philosophy, emphasizing the renaissance. In this way, we seek to discuss aspects of both areas and the way in which philosophy is presented in the literary text and its influence on lucchesian poetics. With this, we realize that the poet's work has a vast singularity that enriches contemporary Brazilian poetry. His verses are cohesive, clear and objective and are in constant dialogue with philosophy through the ideas presented in the poems, in the awareness of the world and in the work with the word.

KEYWORDS: Marco Lucchesi. *Alma Vênus*. Poetry. Philosophy. Dialogues.

Introdução

A poesia contemporânea brasileira tem apresentado inúmeros autores, com suas múltiplas vozes. Domício Proença Filho, em *Concerto a quatro vozes* (2006), denomina a particularidade desses novos poetas de “multiplicidade” e/ou “dispersão”. E, nesse

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL/UFS), Universidade Federal de Sergipe (UFS), São Cristóvão, Sergipe, Brasil, E-mail: janio.vieira16@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7093-4958>.

sentido, o autor apresenta particularidades da poesia brasileira, marcada por um processo criativo à procura de originalidade por meio daquilo que lhe convém ser retratado. Em outras palavras, a poesia desse período busca um estilo próprio, livre e que apresente um novo caminho para a produção lírica brasileira.

Segundo o crítico, a poesia contemporânea brasileira, desde os anos de 1970, é marcada pela multiplicidade de tendências. Destacam-se autores que não mais estão presos a um determinado estilo e estética literários, e sim a um modo de composição individual que dialogue com outras vozes. A produção poética voltou-se “para temas que vão de explicitações de problemáticas singulares a reflexões metafísicas e, com muita frequência, a considerações sobre o fazer poético.” (PROENÇA FILHO, 2006, p. 14).

Nesse sentido, alguns nomes de autores contemporâneos têm se destacado na poesia brasileira, que apresenta uma forte ligação com a filosofia e com assuntos relacionados a aspectos metafísicos. Poetas como Adriano Espínola, Antonio Cicero, Marco Lucchesi e Salgado Maranhão são exemplos trazidos pelo crítico em *Concerto a quatro vozes*. Dentre eles, Antonio Cicero é considerado como um dos grandes autores que transitam com facilidade entre a filosofia e a literatura, uma vez que produz nos dois campos; no entanto, nosso trabalho pautou-se na poesia de Marco Lucchesi, no intuito de apresentarmos discussões pertinentes acerca do tema. Evidenciando a forte relação entre poesia e filosofia desde séculos, Ana Maria Lisboa de Mello, diz que:

Os filósofos românticos alemães, no final do século XVIII, vão recuperar o elo entre a criação poética e a filosofia, sobretudo neoplatônica, como também diálogos com o pensamento hermético dos alquimistas [...]. O escopo da pesquisa desses filósofos e poetas é refletir sobre o incognoscível, aproximar-se do misterioso, compreender o Absoluto, unindo intelecto com as regiões obscuras da alma, às quais a poesia pode ser uma via de acesso. (MELLO, 2009, p. 12).

Desse modo, nos debruçamos sobre a poética do escritor Marco Lucchesi a fim de compreendermos melhor sua poesia e sua relação com o texto filosófico, bem como a importância da obra desse poeta na lírica contemporânea brasileira.

Marco Américo Lucchesi é carioca. Poeta, romancista, memorialista, ensaísta e editor. Escritor e tradutor premiado, traduziu obras de diversos autores, entre eles Rûmî, Hölderlin e Umberto Eco. Domina mais de vinte idiomas e é conhecedor de uma língua artificial denominada “laputar”. É professor titular de Literatura Comparada na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), formado em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF), Mestre e Doutor em Ciências da Literatura, pela (UFRJ); é pós-doutorado em Filosofia da Renascença pela Universidade de Colônia, na Alemanha. Seus livros foram traduzidos para diversos idiomas, entre eles russo, latim, francês, alemão, italiano e inglês.

Em artigo publicado recentemente, dissemos que:

Em *Alma Vênus*, livro de poemas publicado em 2000, o autor passeia pela literatura clássica, em meio a Dante e Camões, tecendo com palavras a busca de algo que esteja além da condição imanente do homem. [...] Nela, Lucchesi estabelece diálogos com Plotino, Platão, Aristóteles e, em especial, Dante. O poeta traz a visão de um futuro que se busca e de um passado para o qual deseja retornar, unindo



duas pontas opostas no intento de alcançar o todo. (SANTOS; ANDRADE, 2021, p. 121).

É nesse sentido que o autor de *Alma Vênus* utiliza-se de conhecimentos filosóficos para dialogar com suas obras. Desse modo, percorre e cria caminhos que se bifurcam; levando seus leitores ao chão do pensamento, produzindo certa inquietação e amor pelo que ainda é desconhecido, assim como ocorre na filosofia.

É justamente por meio desses dois campos que tentaremos compreender seus principais aspectos e discutir tais pontos em nossas análises. Antonio Cicero, conhecedor desses dois polos – literatura e filosofia – pontua aspectos particulares de cada, dizendo que

[...] a filosofia é [...] o oposto complementar da poesia, de modo que, se esta é o objeto-discurso terminal, aquela é o metadiscurso terminal: o discurso que pode ter por objeto outros discursos e outras coisas, mas que não pode, ele mesmo, ser objeto de nenhum discurso fora de si, pois todo discurso que o tem por objeto é, ele mesmo, filosófico. (CICERO, 2004, p. 25).

É importante perceber essas relações que nos são apresentadas, pois o mesmo autor aprofunda essa discussão, no intuito de clarear nossa compreensão acerca daquilo que cada área se preocupa em abordar e a importância dos discursos de ambas.

Enquanto o valor da poesia não é dado pelo que fale sobre coisa alguma, o valor do discurso filosófico está no que fala sobre as coisas, ainda que a coisa de que fale seja a própria filosofia. Se o poema é da ordem de uma palavra, isto é, de um objeto, o discurso filosófico é da ordem de uma proposição, isto é, de uma ação. [...] o que importa [*para as obras de um poeta*] é o seu grau de escritura [...] e não o que o poeta pense sobre o mundo, no caso de uma obra filosófica o que importa não é o seu grau de escritura, mas a intuição filosófica que revela, a doutrina que defende, o conceito que elabora. (CICERO, 2004, p. 26, grifos nossos).

Partindo dessas discussões, tentaremos compreender os diálogos entre poesia e filosofia na obra *Alma Vênus*, do escritor carioca, conforme justificamos acima.

Destaquemos aqui a importância da filosofia neoplatônica e sua influência no pensamento renascentista, que teve como representante maior o filósofo Plotino (205-270 d.C.) – um revelador claro da sabedoria helênica –, que discutia, especialmente, textos de Platão e Aristóteles. Foi por meio da filosofia desse pensador que surgiu a corrente filosófica denominada de neoplatonismo, que discute aspectos referentes ao recolhimento espiritual, tendo como meta, “através das leituras, exegeses, conversações, meditações, etc., [...] a união com Deus.” (PLOTINO, 2000, p. 12). As ideias de Plotino tiveram grande influência no pensamento religioso, e destaque-se os grandes nomes do cristianismo, a exemplo de Santo Agostinho, Dionísio Pseudo-Aeropagita, Nicolau de Cusa, dentre outros, que tiveram nas ideias do filósofo e autor do *Tratados das Enéadas* base para desenvolver um pensamento cristão e místico. Mas além desses, Plotino exerceu sua influência sobre o pensamento islâmico e judaico.



A fim de compreendermos os aspectos da filosofia da renascença na obra de Marco Lucchesi, escolhemos alguns poemas que estão dispostos em *Alma Vênus* (2000), com o intuito de analisar nosso objeto de estudo e mostrar sua relação com a filosofia, em especial a neoclássica.

Alma Vênus e a poesia do diálogo

Em *Alma Vênus*, Marco Lucchesi apresenta na conjuntura de sua obra toda uma relação com a filosofia, em especial a neoclássica. O *corpus* de nossa análise desenvolve-se numa construção literária que transita desde o percurso pelas fases do dia, como é feito em clara alusão à luz em uma procura pelo divino, em diálogos claros com Platão e, principalmente, Plotino; até certa angústia existencial por meio de um inquietar humano à procura de algo essencial.

Nosso objeto de estudo é dividido em quatro partes, “Princípios”, “Temporais”, “Horizontes” e “Altitudes”. Abrindo a obra nos é apresentada uma epígrafe de Laplace, que diz: “Uma inteligência que compreenda / todas as forças que agem na natureza...”. Com ela o poeta carioca nos insere na filosofia, sem medo, encorajando-nos a seguir com ele, de mãos dadas com Plotino, que vai nos dizer sobre essas “forças que agem na natureza”:

[...] a primeira Alma, a que vem logo depois da Inteligência, tem uma vida mais próxima da verdade. Se ela dirigir seu olhar para a Inteligência, possuirá a natureza do Bem, posto que a Inteligência está imediatamente abaixo do Bem. (PLOTINO, 2000, p. 40).

É nesse sentido que o eu lírico se lança ao mar, empreendendo sua viagem à procura dessa Alma, sob a luz do sol e do amor ao belo; em companhia de Vênus, deusa do amor e da beleza. São ainda apresentadas na abertura de cada uma das partes outras epígrafes, de Guimarães Rosa, Gibbon, Mario Luzi e Jorge de Sena. Todas elas convergindo para algo que o eu lírico deseja alcançar, que está diante ou além do olhar lírico; da inquietação do ato filosófico. Sobre este assunto o crítico André Seffrin, no prefácio a *Alma Vênus*, diz:

Princípios, temporais, horizontes, altitudes – assim Marco equaciona sua viagem, quatro blocos numa só voz. As epígrafes são pequenas interferências, pausas para que os poemas respirem a diferença, que os conjuga, os irmana, tanto quanto alguns poemas aparentemente isolados, como “A contra-flor”, paradigmático por excelência. (SEFFRIN, 2000, p. 363, grifos e aspas do autor).

A primeira parte da obra apresenta quatro poemas, intitulados de “‘Alef’, ‘Bet’, ‘Ghimel’ e ‘Dalet’”, iniciais do alfabeto grego que, de certa forma, nos remetem à origem.” (SANTOS; ANDRADE, 2021, p. 122, aspas dos autores). No primeiro poema podemos perceber uma referência alusiva ao princípio da criação divina, uma alusão ao próprio surgimento da matéria. Em “Alef”, a repetição do verbo “virá”, oito vezes, nos remete à criação, segundo o Evangelho de João: “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus.” (João 1:1-4). Um passeio pela teologia. E,



destaque-se que Marco Lucchesi é grande conhecedor da filosofia neoplatônica. O mesmo poema carrega algumas referências bíblicas, como percebemos nos seguintes versos: “da funda / superfície” alusão ao inferno; “serpente” referência ao paraíso de onde Adão foi expulso.

Percebemos ainda uma proximidade com a *Odisseia*, de Homero, quanto ao que diz respeito a viagem empreendida pelo eu lírico de *Alma Vênus*. Ambos à procura de objetivos distintos, mas semelhantes diante dos raios de sol. A referência a Ulisses, herói que naufraga em sua aventura, aproxima o eu lírico Homérico ao de Lucchesi, que diferentemente daquele, sente o sol tocar a pele, como nos versos a seguir:

que o sol
de tanta espera
nos consome

na força
corrosiva
de seus raios

(2000, p. 21).

O mesmo é percebido no poema seguinte, “Bet” e no último, “Ghimel”. O sol, nos três poemas, é apresentado de forma gradual, surgindo nas fases do dia, do nascer até o pôr-do-sol. Nos mesmos poemas, percebemos a ideia desse não-lugar em que o poeta se vê. No primeiro, destacamos os seguintes versos: “Somente / em Deus // repousam / muitos rostos”, “que o nada // só tem rosto // de escamas e de espinhos” e, no segundo: “A parte de / uma parte // em muitas / se reparte”, “que o Todo / é apenas parte”. Em tais versos, o eu lírico lucchesiano dialoga com as imagens do sagrado e humano, as metades que constituem o ser e a unidade da essência. Tais aspectos nos levam à filosofia de Plotino, quando fala do Uno, que é todas as coisas e ao mesmo tempo nenhuma delas. E, trazendo a própria referência do título da obra “Alma”, o autor das *Enéadas* vai dizer que “[...] a Alma não está em lugar algum, mas no princípio que tem a característica de estar em toda parte e em parte alguma.” (PLOTINO, 2000, p. 66). Nesse sentido, Lucchesi fecha essa primeira parte, já “nas sombras //do nada”, tentando, de certa forma, constituir camadas desse não-lugar: o nada. E, “[...] na medida em que a Alma avança em direção ao Sem-Forma [o Uno], sendo então totalmente incapaz de apreendê-lo por ele não ter limite algum nem determinação alguma, ela escorrega [...] e teme não apreender absolutamente nada.” (PLOTINO, 2000, p. 124).

A segunda parte carrega um teor existencial forte. Se até aqui percebemos essa ligação com a filosofia neoplatônica de forma acentuada, adentraremos em águas mais densas. Em alguns poemas ainda é possível encontrarmos clara alusão a Dante, Ulisses, Camões. Mas destaquemos o sentimento profundo de uma ausência, de um conflito entre o dia e a noite, entre o eu e o espaço (físico e psicológico). Por entre esses elementos conturbados, Lucchesi condensa em seus versos, nessa segunda parte, uma filosofia muito próxima do contemporâneo, atrelada a razões existenciais. O eu lírico busca encontrar-se procurando “o naufrago lugar / do não-lugar”. E vivencia uma angústia humana quando empreende a viagem em *Alma Vênus*, durante as horas dos dias e a inquietação interior, na sede de descobertas. Benedito Nunes vai dizer que “[...]”



a angústia situa-nos no mundo, que se torna infamiliar e inóspito [...] Angustiar-se é não mais nos sentirmos em casa [...]” (NUNES, 2012, p. 111). À medida que o eu lírico distancia-se de onde partiu, vai sendo arrebatado por essa sensação de ausência, na tentativa de conectar-se à sua unidade. O que percebemos no poema seguinte:

Ubi es, vita...

O sonho de Leopardi
o verbo de Clarice
e a sombra de Cioran

vida vida
eis o botim
dos que reclamam vida

(2000, p. 48).

Este poema aborda elementos que trazem forte ligação com a filosofia existencialista. A clara referência ao poeta e filósofo italiano, Leopardi, assim como ao filósofo romeno Cioran, nos mostra que Lucchesi desenvolve uma ideia literária por meio de elementos que constituem a filosofia dos dois escritores citados no poema. Parece-nos que aqui o poeta carioca sintetiza todos, ou quase, os aspectos filosóficos de Leopardi e Cioran. É nesse propósito que toda uma confluência de sentidos nos são apresentados em “Ubi es, vita...”. A melancolia e o pessimismo, muito presente na obra do filósofo italiano, bem como a influência de Nietzsche e Schopenhauer nas obras do romeno, permite-nos entender a profundidade do poema. Em uma análise indutiva podemos perceber que na primeira estrofe Lucchesi brinca com a exegese filosófica, utilizando-se de expressões como: o sonho, o verbo, a sombra. Há nisto um possível diálogo com Platão em se tratando da ideia do “sonho” e do inteligível; e que Lucchesi contrapõe (ou discute somente) com o grego ao citar Leopardi e Cioran, no que se refere às temáticas e às ideias de ambos. Percebemos que por meio do filósofo romeno, o autor de *Alma Vênus* aborda questões centrais da filosofia e as quais eram constantes nas ideias de Cioran, a exemplo do pessimismo, ceticismo e niilismo.

Com Clarice, vemos um certo apelo à epifania. Um elo entre os dois termos “sonho” e “verbo”; ambos nos remetendo à luz, ao inteligível, enquanto que a “sombra” seria o oposto, a confluência dessa inquietação existencial. É nesse sentido que a busca pelo Uno, abordada no *Tratado das Enéadas*, tem esse caráter conhecedor, uma vez que “[...] o Uno não é a Inteligência, mas está antes da Inteligência. [...] o Uno não é algo, uma vez que está *antes do algo*. E o Uno também *não é* o Ser [...] o Uno é privado de forma, mesmo de forma inteligível.” (PLOTINO, 2000, p. 126, grifos do autor).

Parece-nos que o autor de *Alma Vênus* procura conjugar os opostos, a luz e a sombra, o dia e a noite. Tentando chegar ao divino, como fez Dante Alighieri em *A Divina comédia*. Essa procura da unidade que tanto o angustia. O autor, em entrevista a Floriano Martins (LUCCHESI, 2009, p. 267), vai dizer que nele o sentido da unidade é uma necessidade delicada. E carregado por esse desejo de mais, de sentir a saudade do ainda-não, que sua voz poética vai sendo ouvida nos espaços do nada. A vida sendo refletida pelo poeta através dessas referências citadas no curto poema. O calor da



provocação sendo gerado, mostrando-nos essa procura pelo sentido da existência de uma origem, uma inquietação por aquilo que ainda não somos capazes de alcançar. Um remeio doloroso que, de certa forma, nos conforta.

Em “Horizontes”, Marco Lucchesi nos insere no universo do múltiplo, dos opostos. Tentando unir aquilo que advém do Uno. Em “Dualismo”, primeiro poema dessa parte, o autor de *Alma Vênus* nos apresenta a ideia de uma busca pela unidade. O próprio título do poema já é uma clara alusão ao primordial, à origem de todas as coisas. A constituição do poema nos chama atenção, pois é um soneto estruturado de forma não convencional, uma negação (no sentido estrófico do texto). Mas, apresentando uma oposição de palavras, o poeta vai nos fazendo pensar que essa negação é na verdade uma soma, algo advindo do essencial. E onde “[...] a Alma tem de ser uma e múltipla, dividida e indivisível, e não devemos acreditar que é impossível uma coisa estar em muitos lugares.” (PLOTINO, 2000, p. 173).

Cabe salientar, ainda, que os demais poemas nessa busca pelo essencial apresentam inquietações que vêm com força ao fim da tarde. Como se essa proximidade com a noite gerasse no eu lírico a sensação de desespero. Somente após os seis primeiros poemas, alterados em sua forma estrófica, é que o eu lírico reencontra o sol. Percebemos isso no último soneto dessa parte, intitulado de “Machina Dei”, quando o eu lírico diz: “Procuro o centro da circunferência / e as fundas dimensões de sua aurora, / de cujos raios brilha a iridescência / do álgido mistério que devora”. E os “olhos // (entretanto) // medem / o não visível / rosto”. É por meio da luz, tanto do sol como da alma que vê, que Lucchesi procura a imagem do Uno. Nicolau de Cusa vai nos dizer, em *A visão de Deus*, o seguinte:

E quando os olhos estão nas trevas que são escuridão, se sabem que estão na escuridão, sabem que se aproximam da face do sol. Essa escuridão nasce, pois, nos olhos, a partir da excelência da luz do sol. [...] Vejo, Senhor, que só assim, e de nenhum outro modo, é possível acender abertamente à luz inacessível, à beleza e ao esplendor da tua face. (CUSA, 2012, p. 162).

Essa elevação ao essencial, em direção à luz, é um dos aspectos abordados por Lucchesi. O poeta busca seu referente, pressentindo, de certo modo, os polos opostos. Nesse sentido, o eu lírico se vê amparado, uma vez que essa oposição existente é constituída de uma outra parte, contrária a si: o bem x o mal, claro x escuro. Essas oposições vão se constituindo em algo que se deseja alcançar. É, inclusive, por meio do olhar que o ser existe, sendo a visão o caminho pelo qual se consegue chegar ao essencial “[...] A visão, portanto, preexiste ao ser, porque é a tua essência.” (CUSA, 2012, p. 185).

No poema abaixo percebemos o quanto Lucchesi organiza os versos de forma que a “ideia”, no sentido da criação artística, é trabalhada. Podemos pensar na questão da beleza na obra de arte, no sentido de ela ser capaz de penetrar no interior do artista e fazê-lo sentir e/ou conjugar as suas metades, visando, com isso, chegar ao sublime. Para Longino, o sublime é “[...] o eco da grandeza da alma” (LOPES, 2004, p. 35), o autor vai nos dizer ainda que a

[...] busca da beleza passa primeiro pelo elogio, pelo retorno do sublime seja como programa, seja como provocação. [...] O sublime não só como uma categoria do gosto, da experiência,

bastante discutida como tal dentro da história da filosofia, mas sobretudo uma categoria de articulação das obras contemporâneas.

[...] O sublime seria a experiência entre horror e prazer, experiência do fascínio diante de uma paisagem, uma pessoa ou uma obra de arte [...]. (LOPES, 2004, p. 34).

É nesse sentido que Schiller vai dizer que:

[...] a beleza ajuda a desenvolver a disposição para a racionalidade no homem sensual. O homem está dotado de uma dupla disposição de acordo com sua dupla determinação. A natureza o determina a sentir e a agir imediatamente a partir da sensação. A razão o determina a pensar e a agir imediatamente a partir do pensamento puro. (SCHILLER, 2009, p. 109).

Esse desespero do artista, presente nos versos de Lucchesi, é também um diálogo com a filosofia. A palavra “melancolia” nos remete ao pensamento filosófico.

Vejamos o poema:

Leonardo e a melancolia

Como buscar a ideia sublimada,
a insólita paisagem árdua e pura,
sonhada pela mente enamorada
nos veios ásperos da pedra dura?
Como sofrer em plena madrugada
o fogo da verdade que tortura
aquele que presente o frio do nada
nas formas peregrinas que procura?
Que a chama sublimada se resfria
na longa solidão que nos impinge
essa esperança vã, essa agonia.
A ideia soberana não se atinge:
a um laivo apenas, ó melancolia!,
a tanto nossa busca se restringe.

(2000, p. 54).

As indagações feitas pelo eu lírico no poema acima nos levam a pensar sobre uma das grandes ferramentas da filosofia: a busca pelo conhecimento. Esse amor pela forma ideal e ao mesmo tempo, toda uma confluência de sensações a fim de se chegar ao objeto “amado”, perfeito. Lucchesi traz nos versos de “Leonardo e a melancolia” um tripé solidificado que gira em torno da filosofia existencial: a melancolia, o sonho e o paradoxal. Tais elementos nos apresenta uma espessa camada niilista. A solidão, a qual o artista vivencia, torna-se um caminho de encontros de si mesmo e do desejado. O poeta parece estar dentro de uma redoma de vidro, observando o desespero humano; um caminho que leva à fissura do eu-artístico.



Em “Altitudes”, última parte de *Alma Vênus*, o eu lírico se aproxima do desejável. Próximo do silêncio, do nada, como percebemos nos versos do poema “Cantiga de amor”: “Acima de nós / tudo é silêncio”; e mais adiante: “e o silêncio / revela / outro silêncio...”. Essa construção da própria ideia do mais, dessa unidade que se multiplica partindo de uma origem em direção ao conhecimento. Uma busca que se faz paralela às reflexões da filosofia de Plotino, no sentido de encontrar a beleza naquilo que se origina na ideia, nesse caso, da razão, que afasta a Alma de sua unidade.

Cada vez que a Alma tem um conhecimento racional de alguma coisa, ela se afasta de sua própria unidade e deixa de ser simples: o conhecimento está ligado às coisas e, portanto, à multiplicidade, e assim a Alma decai da unidade ao número e à multiplicidade. [...] tudo o que é belo está abaixo do Uno, e provém do Uno, como toda luz do dia provém do Sol. (PLOTINO, 2000, p. 127).

Percebemos uma invocação à filosofia platônica em “Nuvens”, poema que vai dialogar, de certo modo, com o mundo das ideias.

Nuvens

Poço
esquecido

lívido
lume

da espera

e o sonho
de Platão

céu
acima

límpido
e claro

(2000, p. 68).

A constituição do poema, de forma ascendente, nos faz pensar na referência de uma elevação da essência. Os versos “Poço / esquecido” nos remetem ao terreno, ao mundo sensível; enquanto que em “céu / acima” a alusão é ao celeste, ao mundo inteligível. É nesse sentido que Plotino vai dizer que para contemplar a Deus e ao Belo é necessário se tornar divino e belo. E, por meio dessa síntese platônica que nos é apresentada, Lucchesi aproxima as duas partes que irão somar-se a fim de contemplar o Belo, pois:



Se quisermos dividir os inteligíveis diremos [...] que o primeiro princípio é o Belo e que a Beleza inteligível é o lugar das Ideias. O Bem, que está acima, é a fonte e o princípio da Beleza. [...] a Beleza reside no Mundo Inteligível. (PLOTINO, 2000, p. 35).

Marco Lucchesi encerra sua viagem em *Alma Vênus* quase tocando a face de Deus. Um diálogo poético com a filosofia que proporciona uma certa aproximação com o inteligível, muito ao fato de abordar, nos poemas, aspectos essenciais da filosofia de Platão, Aristóteles, Plotino, entre outros. Tentando trazer o brilho e a força do divino, do essencial da matéria por meio do diálogo entre o texto literário e o filosófico, evidenciando que “poesia e filosofia, não podem ser reduzidos um ao outro [...]” (CICERO, 2004, p. 27).

Considerações finais

Tentamos apresentar, no presente trabalho, as ressonâncias entre filosofia e literatura, em especial na obra poética *Alma Vênus*, de Marco Lucchesi. O autor é grande estudioso da filosofia da renascença e apresenta em seus versos uma forte relação com os principais filósofos da antiguidade clássica, a exemplo de Plotino, Platão e Aristóteles. O contato do poeta carioca com os filósofos nos permitiu encontrar meios de compreender melhor sua lírica e de como a filosofia é apresentada por ele dentro de suas obras, destaque-se para *Alma Vênus*.

Percebemos que a obra de Marco Lucchesi apresenta uma vasta singularidade que enriquece a poesia contemporânea brasileira. Sua poesia é coesa, clara e objetiva em alguns casos, e está em constante diálogo com a filosofia por meio das ideias apresentadas nos poemas, na consciência de mundo e no trabalho com a palavra da qual o poeta faz uso, são alguns dos aspectos relevantes na obra lucchesiana.

Dessa forma, nossa proposta pretendeu elucidar os aspectos da obra de Marco Lucchesi e sua relevância para a literatura brasileira, tendo em vista o seu diálogo com a filosofia e as leituras que o poeta faz dos textos filosóficos.

Referências

- ANDRADE, Alexandre de Melo. *Alma Vênus*, de Marco Lucchesi: em busca do paraíso (im)perdido. In: *Texto Poético*. Revista do GT Teoria do Texto Poético (ANPOLL). v. 8, n. 12, 2012.
- CICERO, Antonio. Poesia e filosofia. In: NASCIMENTO, Evando; OLIVEIRA, Maria Clara Castellões. (Org.). *Literatura e filosofia*: diálogos. Juiz de Fora: UFJF, São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004. p. 11-28.
- CUSA, Nicolau de. *A visão de Deus*. 4. ed. Trad. João Maria André. Fundação Calouste Gulbenkian, 2012.
- FIGURELLI, Roberto. Filosofia e Literatura. In: _____. *Estética e crítica*. Curitiba: Editora UFPR, 2007. p. 113-125.



LUCCHESI, Marco. *Poemas reunidos*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

_____. *Ficções de um gabinete ocidental*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

MELLO, Ana Maria Lisboa de. (Org.). A poesia metafísica no Brasil. In: *A poesia metafísica no Brasil: Percursos e Modulações*. Porto Alegre: FAPA – Faculdade Porto-Alegrense, 2009. p. 11-34.

NUNES, Benedito. *Ensaíos filosóficos*. Organização Victor Sales Pinheiro. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

_____. *Passagem para o poético: filosofia e poesia em Heidegger*. São Paulo: Edições Loyola, 2012

PLATÃO. *A República*. 3. ed. Trad. Pietro Nassetti. São Paulo: Martin Claret, 2012.

PLOTINO. *Tratados das Enéadas*. Trad. Américo Sommerman. São Paulo: Polar Editorial, 2000.

PROENÇA FILHO, Domício. (Org.). *Concerto a quatro vozes*. Rio de Janeiro, São Paulo: Editora Record, 2006.

SANTOS, Jânio Vieira dos; ANDRADE, Alexandre de Melo. *Alma Vênus*, de Marco Lucchesi, e o diálogo com *A divina comédia*. In: *Revista Épicas*. Ano 5, Número Especial 4, Fev 2021, p 119-131. ISSN 2527-080X. DOI: <http://dx.doi.org/10.47044/2527-080X.2021vNE4.119131>.

SCHILLER, Friedrich. *Cultura estética e liberdade*. Trad. Ricardo Barbosa. São Paulo: Hedra, 2009.

SEFFRIN, André. Marco Lucchesi: a palavra encantada. In: LUCCHESI, Marco. *Poemas reunidos*. Rio de Janeiro: Record, 2000. p. 361-364.

